

O VÍRUS DA GRIPE ESPANHOLA DESEMBARCA NA CIDADE: A VISÃO DO *ECHO DO SUL*

LUIZ HENRIQUE TORRES*

RESUMO

Análise da cobertura jornalística do jornal *Echo do Sul* em Rio Grande durante a epidemia de gripe espanhola que se desenrolou nesta cidade, entre outubro e novembro de 1918.

PALAVRAS-CHAVE: cidade do Rio Grande; epidemia de gripe espanhola; jornal *Echo do Sul*.

As epidemias acompanham a trajetória humana desde tempos imemoriais. A obra *Decameron* registrou a ação da peste negra na Europa observando que muitas pessoas vagavam e morriam pelas ruas sem auxílio e muitos outros mesmo morrendo em suas casas, “levavam os seus vizinhos a não se manifestarem, mais por causa do mau cheiro dos próprios corpos em decomposição, do que por outro motivo... Tão grande era o número de mortos que, escasseando os caixões, os cadáveres eram postos em cima de simples tábuas. Não foi um só caixão a receber dois ou três mortos simultaneamente. Também não sucedeu uma vez apenas que esposa e marido, ou dois e três irmãos, ou pai e filho, foram enterrados no mesmo féretro”¹. Outro observador da devastação epidêmica foi o escritor Daniel Defoe (1660-1731) no livro *Um diário do ano da peste*, em que se refere à epidemia que paralisou Londres em 1665: “o cadáver sempre ficava abandonado até os funcionários serem avisados e virem buscá-lo ou até a noite, quando os carregadores dos carros dos mortos o recolheriam e o levariam embora. Aquelas criaturas sem medo que desempenhavam essa função não deixavam de revistar seus bolsos e algumas vezes retirar suas roupas...”². As atitudes e comportamentos humanos perante as doenças

* Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI-FURG

¹ BOCACCIO, Giovanni. *Decameron*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p. 16.

² DEFOE, Daniel. *Um diário do ano da peste*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002, p. 96.

e os medos é um fecundo campo de análise. Philippe Ariès³ concluiu que até o século XIX predominou no Ocidente a aceitação da morte como elemento indissociável da vida. Os atos referentes à morte reforçavam a solidariedade entre as pessoas. Porém, quando a morte acontece em períodos de graves crises sociais como guerras, fome e epidemias, torna-se um elemento perturbador da sociedade. Diante da “indesejada” desaparecem os ritos, as atitudes sociais modificam-se, levando à instabilidade das normas. As visões do apocalipse integram-se no imaginário social, instalando nas cidades o medo às epidemias, colaborando na desagregação social.

A perda de referenciais afetivos e o medo da morte estão expressos em jornais de 1918-19 e em depoimentos de experiências que foram jogadas em porões da psique e que, quando resgatados, converteram-se em fator de grande emoção para os entrevistados. Conforme a pesquisadora Adriana da Costa Goulart, a virulência e a morbidade da gripe espanhola “pôs a olhos nus a falência das instituições e das políticas de saúde, não só no Brasil, pois causou, internacionalmente, maior número de mortes do que a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coréia e a Guerra do Vietnã juntas”.⁴

Em todo o mundo, entre 20 e 50 milhões de pessoas morreram com a gripe espanhola. No Brasil, mais de 300 mil pessoas sucumbiram e milhões contraíram a doença. Evidencia-se a fragilidade dos serviços públicos e privados e a desestruturação do cotidiano, perdendo-se a expectativa do futuro. Os precários condições de atendimento médico-hospitalar, as insalubres condições de higiene, a desestruturação do sistema produtivo da agricultura-pecuária-comércio e indústria, levaram ao desabastecimento e à especulação desenfreada que conduziu ao desencadeamento de processos inflacionários.

A década de 1910 na cidade do Rio Grande foi de grandes transformações econômicas, com as obras de construção do Porto Novo e dos Molhes da Barra, a instalação do frigorífico Swift e a continuidade do processo industrial que empregava milhares de pessoas. A expectativa de emprego trouxe milhares de pessoas para a cidade, provocando o aumento populacional, porém a mortalidade entre 1917 e 1918 apresentou índices superiores à natalidade. Os desafios do poder público em manter a urbanidade iam de encontro a um cenário de

³ ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

⁴ GOULART, Adriana da Costa. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. Niterói, 2003. Dissertação [Mestrado em História] – Universidade Federal Fluminense, p. 29-30. A autora afirma que “em si, a doença, como qualquer evento, não tem qualquer significado. É apenas um microorganismo que adquire sentido e significância no contexto humano pelas reações que provoca e por suas formas de expressão cultural e política...” (p. 81).

ocupações precárias de moradia e condições de miséria de parte da população. Naquele período não era só a I Guerra que preocupava, mas um dos frutos nascidos durante o conflito mundial, a gripe, e as diferentes expressões dos medos da população de que a epidemia pudesse desembarcar dos navios e se difundir pela cidade.

A VISÃO DO ECHO DO SUL

O jornal *Echo do Sul* acompanhou a trajetória do medo que reinava na cidade relativo às notícias de que a gripe espanhola assolava o Rio de Janeiro e outras localidades brasileiras e seguiu os passos da chegada dos primeiros doentes ao cais do Porto Velho até a proliferação da doença por Rio Grande. Este será o nosso olhar interpretativo neste recuo temporal até 90 anos atrás.

O vírus desembarcou na cidade no dia 9 de outubro vindo do Rio de Janeiro, conforme a manchete estampada na capa: “Grave. Influenza Espanhola. Desde hoje, às 8 horas, que já está ancorado no nosso porto o vapor *Itajubá*, da Companhia Costeira, com 38 atacados de certa enfermidade suspeita, que dois médicos da Saúde do Porto informaram tratar-se de gripe de caráter benigno (...) o fato de se ter consentido um vapor vir para o porto, com doença suspeita a bordo, é tão indesculpável, como imperdoável é ele ainda se conservar naquele local se falta providências, que urgem por quem de direito não falassem bem alto contra o desprezo com que se atine aqui pela saúde da população (...) Ao *Itajubá*, em Santa Catarina não lhe foi permitido estacionar, segundo nos consta. Essa medida, comparada à que aqui se adotou, não elogia o critério de quem quer seja. Já o simples fato de ser dada a moléstia oficialmente como gripe de caráter benigno e transportar-se os atacados por mar ao lazareto, nos autoriza a pedir providências severas agora e para o futuro. Só amanhã é que será desinfetado o *Itajubá*, permitindo-se, porém, que os passageiros viessem a terra!!!”. O periódico defendia uma desinfecção do navio e dos passageiros antes do contato com a terra; “além disso, depois de efetuar a visita ao *Itajubá*, o médico responsável, sem ter desinfetado saltou ao cais, sendo imediatamente cercado por várias pessoas a quem prestou informações, fato este que se reproduziu três ou quatro vezes que o mesmo médico teve necessidade de ir a bordo! (...) Só amanhã que os doentes serão removidos para o Lazareto. Muitos imigrantes passageiros do *Itajubá* e que ontem desembarcaram, como não achassem cômodos em parte alguma, visto todos os hotéis se negarem a recebê-los, dormiram ao relento”.⁵

⁵ *Echo do Sul*, 10 out. 1918, p. 3.

A primeira vítima de *influenza* e que deu início à tragédia que ceifaria centenas de pessoas na cidade foi o foguista do *Itajubá*, Olindino Onofre Nogueira, brasileiro, branco e solteiro, que havia sido recolhido ao Lazareto e faleceu no dia 13 de outubro⁶. O periódico de forma irônica referiu-se à *influenza* como sendo de caráter benigno, alternando o tom irônico com o tom de desespero frente ao avanço avassalador da epidemia. Dois novos paquetes, o *Bragança* e o *Rui Barbosa*, chegaram ao porto com casos de *influenza* e foram impedidos de desembarcar. Parte dos passageiros que estavam a bordo do *Itajubá* foram levados para a rua Marechal Floriano, n.º 59, onde “se amontoam os imigrantes desembarcados do *Itajubá*, a maioria deles atacado da tal gripe benigna como se não bastasse saber como eles transitam livremente pelas ruas”.⁷

O *Echo do Sul*, no dia 15 de outubro, questionava por que o guarda sanitário que ficava no Pontal da Barra e que era responsável pela abordagem dos navios abandonara sua atividade e viera morar em Rio Grande, porém continuava a receber o seu salário. Defendia que o isolamento seria a forma de evitar a propagação da gripe: “a falta absoluta de providências acertadas em isolar-nos do contato de doentes de *influenza* chegados há pouco e, por todos os vapores que aqui vêm de outros portos infeccionados, fez com que a mesma venha se alastrando pela cidade, havendo muitos casos dela entre nós. O mal, como se sabe, podia ser evitado, se aqui se olhasse com mais interesse pela saúde da população que assiste, agora que o mal é irremediável, às proclamações e conselhos de higiene que absolutamente não evitam a propagação da enfermidade. Temos em mãos uma publicação feita pela Junta de Saúde de Madrid, onde mais essa moléstia se tem manifestado com violência, recomendando ao público medidas higiênicas. Reputamos de todo autorizada a Junta de Saúde de Madrid, que afirma que *não se conhece, na atualidade, medicação alguma profilática para evitar a apresentação do processo nem atalhar seu desenvolvimento, como tampouco se conhecem soros nem VACINAS que possam preservar da enfermidade ou ajudar-nos a combatê-la*. É como se a Junta de Saúde de Madrid tivesse previsto o caso do *Itajubá*, do qual, infeccionado como estava, os passageiros vieram para a terra sem a urgente desinfecção, e o próprio médico visitante esteve em contato, por várias vezes, com a terra sem fazer o mesmo, acrescenta: *o único preservativo eficaz tem por base o isolamento possível de sãos e enfermos, procurando que os primeiros só permaneçam na atmosfera*

⁶ *Echo do Sul*, 14 out. 1918.

⁷ *Echo do Sul*, 14 out. 1918.

que os segundos respiram o tempo necessário para atender ao seu cuidado. Nada disso aqui se observou. Aí está, pois, a enfermidade, que as temperaturas da Primavera favorecem o desenvolvimento e a vida do germe, que se estabelece principalmente no aparelho respiratório dos pacientes e se aninha nas fossas nasais e na cavidade bucal, cuja higiene deve ser muito cuidada”.⁸

Já no dia 16, mais de cinquenta trabalhadores do frigorífico Swift estavam doentes. Vários imigrantes espanhóis deixados na cidade pelo paquete *Itaquera*, procedentes de Santos, dormiam ao relento nos logradouros públicos, pois não eram aceitos nos hotéis. O medo da doença era tal que qualquer ardência na garganta ou tosse já causava pânico. A carrocinha da polícia tinha ordens de recolher qualquer pessoa que se desconfiasse gripada. Um indivíduo embriagado que estava caído atrás do cemitério católico foi levado para a Santa Casa, como atacado de *influenza*. “Aí verificaram que essa espécie de *influenza* já por aqui há muito se conhece e o borracho ficou naquele hospital não isolado, mas de molho...”⁹

No dia 19 de outubro já havia mais de 600 casos de *influenza*, ocorrendo um aumento no preço dos produtos, especialmente os medicamentos: “As classes pobres, as classes desprotegidas da fortuna, mais cruelmente atacadas do mal, são as que mais sofrem neste momento de inigualável crise, pelo elevado preço dos medicamentos”.¹⁰

O avanço da epidemia faz com que os ataques ao poder público se acentuem. O temido carrinho da polícia que era usado para transporte dos doentes era fator de repulsa: “a lazarenta carrocinha da polícia, uma coisa disforme, medonhamente suja e que passeia a sua imundície diariamente pela cidade (...) Aí dentro dessa *cloaca* ambulante arrumaram uma maca infecta, toda manchada de sangue, empesteada, onde as manchas de imundície confundem-se com as nódoas já negras de sangue. E é com isso, amarrado com barbantes a dois paus quebrados, que se removem os atacados de peste que caem nas ruas. Hoje foi nos dado, como a muitas pessoas, presenciar o triste espetáculo de remoção de um doente na rua principal, pela tal carroça da polícia”¹¹. A epidemia acentua a sua difusão, e no dia 24 se divulga que a maioria da população estaria doente, o comércio e as fábricas começam a parar as atividades, os hospitais (Santa Casa, Beneficência,

⁸ *Echo do Sul*, 15 out. 1918.

⁹ *Echo do Sul*, 18 out. 1918.

¹⁰ *Echo do Sul*, 21 out. 1918.

¹¹ *Echo do Sul*, 22 out. 1918.

do Exército, Lazareto, navios-hospital) estavam lotados, especialmente a Santa Casa, que atendeu o maior número de doentes. No quartel do 9º Regimento havia 44 doentes. As farmácias estavam trabalhando até as três horas da madrugada, repletas de pessoas em busca de medicamentos. A ironia se acentua: “O que a metade da população tem não é a influenza. É uma epidemia sem importância no dizer da Inspeção de Saúde, epidemia que mata pelo descuido que todos têm em não observar os preceitos higiênicos que ela faz publicar”¹². Há 25 de outubro, o aumento dos casos prossegue, com 1.000 novos enfermos em apenas um dia. Os vapores continuavam a chegar ao porto: “os doentes e os passageiros sem a menor desinfecção vêm a terra, como de todos os hospitais tanto flutuantes como de terra, as pessoas entram e saem sem o menor constrangimento. Parece haver um certo gosto esquisito de que a moléstia se propague. O interesse daí decorrente nós não podemos adivinhar, salvo se, aumentando os doentes, cresçam os lucros de alguém que esteja fazendo o negócio grosso à custa do mal da população”¹³. A indignação do periódico está ligada ao não reconhecimento pela Intendência Municipal da gravidade da epidemia e de não haver um rigoroso controle no Pontal da Barra, com quarentena, evitando que chegassem ao porto pessoas doentes de outros estados. A situação era grave, como atesta uma nota do jornal *O Tempo*: “Somos obrigados a suspender a publicação d’*O Tempo* até que possamos normalizar o serviço, visto estarem doentes de *influenza* espanhola todos os operários das nossas oficinas! Nenhum deles se apresentou hoje ao trabalho! Eu mesmo (o diretor) vou me recolher enfermo”¹⁴. Nas oficinas do *Echo do Sul* só um maquinista não estava doente e tipógrafos sentiam-se mal. O Ginásio Lemos Júnior suspendeu as aulas; no centro telefônico, 9 de 17 operadoras estavam doentes; no 9º Regimento havia mais de 100 enfermos; a Leal Santos não funcionava havia uma semana; a Companhia Francesa reduziu as horas de trabalho no porto; a festa do Rosário foi suspensa, pois todos os membros, 22 irmãos, estavam doentes. Os preços de dois dos produtos mais procurados subiram absurdamente: galinhas para canja e limões para os chás.

No dia 26 a manchete destacava que a população em sua maioria estava presa do mal. “A cidade é um imenso hospital. O comércio fechado. E não há quem olhe por isto? Como na casa d’Abrantes tudo como d’antes...”. As escolas foram fechadas. No Porto Novo havia 300

¹² *Echo do Sul*, 24 out. 1918.

¹³ *Echo do Sul*, 25 out. 1918.

¹⁴ *Echo do Sul*, 25 out. 1918.

trabalhadores doentes e nos frigoríficos, 500. Na Rheingantz, 400. No 9º Regimento, 200. Foram fechadas todas as casas comerciais da rua Benjamin Constant. A Companhia Francesa suspendeu as atividades. As padarias Portuguesa e Vitória fecharam. A Ítalo-Brasileira fechou as portas por falta de operários (que eram mais de 600). O jornal observa uma ruptura do cotidiano, a cidade desfigurou-se com a epidemia, os referenciais de segurança diluíram-se: “O aspecto da cidade hoje é mais triste ainda que nos dias precedentes. Há ruas inteiras que não têm uma casa de comércio aberta. Muitas farmácias fecharam. A carne, em pouca quantidade, não chegou para um terço da população. Pão quase que não há. A padaria Maciel também hoje não o fabricou. De aves, as poucas que há, estão sendo vendidas a preços altos, que variam de 6 a 10\$000! Pela garrafa de leite há quem peça 1\$500!”¹⁵

No dia 30 de outubro a situação continuava crítica e os referenciais do cotidiano desapareceram, ficando a desolação frente à epidemia reinante. “O aspecto da cidade é desolador. A maioria do comércio fechado, como a maioria das farmácias, das padarias e casas de comestíveis. Muitos desses estabelecimentos são servidos por mulheres que ali estão pelos seus maridos convalescentes (...) Pelas ruas cruza de instante a instante ou um enterro ou um caixão vazio na cabeça de um preto cambaleante e que vai para esta ou aquela casa para dali sair daí a pouco com um cadáver de gripado. Os que têm acompanhamento e esse não raro reduzido, seguem muito adiante, enquanto as pessoas do préstito, taciturnas, cabisbaixas, a pé, vão pelo passeio. É desolador. Quase todas as casas têm as portas semi-cerradas. É porque aí há gripados e não tem quem os ajude, senão um vizinho convalescente que por aquela abertura recebe os recados e vai executá-los por favor ou por caridade. Nos lugares onde habitam pobres dão-se cenas lancinantes. Há ali tremendos dramas da miséria. Mansardas há que, quando se passa, ouvem-se gemidos, lamentações, choros lá dentro. É que a moléstia impossibilitou de trabalhar e recursos não há para remédios, para alimentos, para nada. Estão para ali a espera que chegue a hora fatal. Em geral, criancinhas seminuas, esqueléticas, esfomeadas, vêem pedir uma esmola e lá saem correndo em busca de um pão. A população mostra no semblante que está apavorada, que sente sobre os ombros a fatalidade e como que prevê que o dia de amanhã será mais lúgubre ainda do que o que passa (...) É preciso ver o médico. O Facultativo não está. Sai-se para a rua a sua procura. Aí vem ele de carro, às pressas. Duas palavras ele diz que passará logo mais. Depois é preciso cuidar-se dos doentes, dos arranjos

¹⁵ *Echo do Sul*, 26 out. 1918.

da casa, de tudo enfim. É isso o que preocupa presentemente o Rio Grande em peso. É triste, é tristíssimo e é verdadeiro. Pobre Rio Grande...!”¹⁶

Neste mesmo dia 30, o jornal registra que o serviço de transportes de cadáveres feito pela Santa Casa para o cemitério era reprovável, pois neste dia, quando era transportado um caixão para enterramento, o indivíduo que fora dado como morto fez tanto ruído no caixão que os transeuntes fizeram o carro parar e constataram que o homem estava vivo. Até este dia já haviam falecido de gripe 482 pessoas. Este outubro não deixou boas lembranças na população e sim o desejo do esquecimento. A epidemia começava a declinar mas ainda ceifaria mais algumas dezenas de vidas. No dia 4 de novembro, outro desabafo é feito no periódico: “Visto o grande número de mortos e os carros de condução dos corpos não terem tempo para os levar ao cemitério, há cadáveres que entram em decomposição. Esse fato que se vem repetindo diariamente, deve ser sanado o quanto antes em nome da boa higiene. Até isto, santo Deus!”¹⁷

Como o papel do jornalista é ir atrás da informação, foi estabelecido um serviço de reportagem à *porta do cemitério*, a fim de verificar o número de óbitos (não é que houvesse desconfiança dos dados oficiais...). Constataram que o movimento continuava intenso, pois entre as 10 e meia e 11 e quinze da manhã do dia 6 de novembro deram entrada ali seis cadáveres, inclusive o de uma mulher cujo corpo foi levado à sepultura sem caixão e na carrocinha da polícia. “Há ali falta de coveiros e esse fato obrigou ontem duas pessoas que acompanharam a fazerem por suas próprias mãos a cova para enterrarem o caixão”¹⁸.

A epidemia finalmente entra em declínio a partir de 15 de novembro, quando havia nove coveiros atendendo aos sepultamentos. De fato a dimensão da epidemia desarticulou os principais serviços, porém uma rede de apoio e doações foi estabelecida, envolvendo, além do poder público, cidadãos, empresários, entidades sociais e filantrópicas, casas maçônicas, entidades sindicais etc. Distribuição de sopa e auxílio às vítimas que atenuaram o sofrimento de milhares de pessoas. Mas o jornal centrava a sua visão no abandono da população.

Mas em meio à morbidade o periódico apresenta alguns momentos de ironia e humor. A ironia está endereçada às autoridades ligadas à saúde municipal, em matéria com o título de “Para não

¹⁶ *Echo do Sul*, 30 out. 1918.

¹⁷ *Echo do Sul*, 04 nov. 1918.

¹⁸ *Echo do Sul*, 06 nov. 1918.

alarmar”: “Consta-nos que, para não alarmar o povo, vão ser tomadas as seguintes providências: reabertura geral das casas comerciais; funcionamento dos estabelecimentos bancários até a noite; reabertura dos teatros, cinema e outras casas de diversões; inclusive *cabarets* e canchas do jogo do osso; fechamento das farmácias e drogarias; férias para as casas funerárias; licença de três meses, com vencimento aos coveiros; veraneio da classe médica; retreta nas praças públicas, à tarde e à noite, às quintas-feiras e domingos. Reabertura de todas as escolas”.¹⁹

O senso de humor está num suposto acontecimento envolvendo noivos e a gripe espanhola: “Boda de gripados: Dias atrás devia realizar-se um casamento. Os noivos impacientes pela chegada do dia ansiado, pensavam em tudo, menos em gripe, quando na tarde da cerimônia nupcial, caem atacados do mal, primeiro o noivo, depois a noiva e em seguida quatro pessoas da família de ambos. Que fazer? Suspender a cerimônia? A coisa não era para tanto. Quase sem poder estar de pé, os nubentes compareceram ante o juiz respectivo e, depois do ato, cada qual por seu lado ganhou o leito, a espera da convalescença, a fim de iniciar a tão desejada lua-de-mel...”²⁰

No dia 29 de novembro, um anúncio da praia de banhos que fora fundada em 1890, nesse período chamada de *Empresa Balneária Cassino*, assinala o início da superação da primavera e a expectativa de um verão com melhores dias. “A inauguração da estação de banhos este ano será o mais breve possível, a fim de que as pessoas em convalescença da *influenza* espanhola possam gozar o ar puro e oxigenado daquela pitoresca praia de mar grosso. No Cassino os srs. Veranistas encontrarão todo o conforto indispensável e compatível com o valor de uma praia freqüentada por pessoas cultas”.

Era a vida sendo retomada, o cotidiano sendo reconstruído mesmo que repleto de contradições da sociedade industrial que gerava renda e pobreza, opulência e miséria. Mas o cotidiano das ruas, das praças, do comércio, das escolas, do trabalho e do lazer, do movimento de pedestres e das sociabilidades estava sendo retomado. E um cotidiano com direito ao lazer na praia de banhos do Cassino, ao menos para as *pessoas cultas!* Depois do pesadelo a vida volta a ser a epidemia reinante na cidade do Rio Grande, no distante ano de 1918.

¹⁹ *Echo do Sul*, 08 nov. 1918.

²⁰ *Echo do Sul*, 13 nov. 1918.

